



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

LEITURA PLURAL DE “CAPITÃES DA AREIA” DE JORGE AMADO

Elisângela de Almeida Carlos-UESB,¹
e-mail:elisangelaalmeidacarlos@hotmail.com
Marineide Mendes Ferreira-UESB²
e-mail: gostodeode@bol.com.br

Resumo: A obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, retrata problemas sociais que foram denunciados no início do século XX, na capital baiana, e que ainda se refletem na sociedade de hoje em proporções maiores. A finalidade deste artigo é fazer uma análise da narrativa, enfatizando a condição do menor abandonado na década de 30 na cidade de Salvador. O romance serve como “*corpus discursivo*” para investigar a realidade urbana de um grupo de meninos de rua, permitindo-nos fazer uma reflexão sobre os abusos e conflitos vividos por quem passava dia e noite vagando pelas ruas. Para desenvolver o trabalho, usou-se a pesquisa bibliográfica, ou seja, leitura e análise de alguns teóricos ligados à problemática do menor abandonado e ao Movimento Modernista (AMADO, Jorge; LONDONO, Fernando Torres; CERQUEIRA, Nelson; DUARTE, Eduardo de Assis, BOSI, Alfredo; COUTINHO, Afrânio). Além desses teóricos, fez-se uma investigação a respeito de algumas Organizações não – governamentais presentes em Salvador, que atuam no combate às manifestações de violência contra crianças e adolescentes, sobretudo contra a integridade física e psicológica. Apesar de o romance ser escrito em 1937, ainda se convive com problemas sociais ligados à questão do menor abandonado e as diferenças de classes que geram: discriminação, marginalidade, prostituição, miséria e pobreza.

Palavras-chave: Criança. Família. Abandono. Violência. Injustiça-social.

1 Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié – BA. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Escola de Engenharia Baiana de Salvador. Professora do Ensino Médio no município de Ibirataia-Ba, e-mail: elisangelaalmeidacarlos@hotmail.com.

2 Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié – BA. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Escola de Engenharia Baiana de Salvador. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio no município de Teolândia-Ba, e-mail: gostodeoce@bol.com.br.

Introdução

A finalidade deste artigo é fazer uma análise da obra Amadiana “Capitães da Areia” enfatizando a condição do menor abandonado na década de 30 na cidade de Salvador.

Nesta época, os escritores trouxeram para a Literatura Brasileira uma realidade que permanecia escondida, tipos sociais específicos, geralmente do Brasil Rural, vivendo situações típicas de um país atrasado. Além desse conteúdo explosivo de denúncia, o Romantismo de 30 notabilizou-se pelo estilo simples, pela incorporação de falas regionais e pelo destaque dado a personagens do povo, que, às vezes, são ignorados nos romances da literatura oficial.

Este romance escrito na segunda fase do Modernismo, também conhecido como Literatura Regionalista, tem um evidente compromisso ideológico, no sentido de contestar as estruturas estabelecidas e se colocar de maneira deliberada, ao lado dos desfavorecidos da sorte.

“Crianças Ladronas” este é o título que dá início ao livro acima mencionado.

(...) Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana vem trazendo notícias sobre atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. (...) (AMADO, 1988, p.03)

Na visão do jornal e da sociedade dominante da época, as “crianças abandonadas” foram definidas como um perigo para a sociedade como um todo. Embora, entenda-se que elas são vítimas da falta de educação intelectual e afetiva e de uma política social que atenda as condições mínimas de sobrevivência do ser humano.

A realidade social e cultural da Bahia, principalmente de Salvador, levou Jorge Amado a coletar algumas reportagens publicadas em jornais daquela época, que serviram de alicerce para a construção da obra.

O caótico quadro por ele traçado nos idos de 1937 retrata, com presteza, a concreitude temática que persiste até hoje: a problemática do menor abandonado na sociedade brasileira; suas injunções e marcas; a distribuição injusta da riqueza; a carência da oferta de emprego e os salários indignos.

Diante desta realidade, alguns programas foram criados por instituições não – governamentais com intuito de incluir socialmente o menor abandonado. Como: AXÉ (Projeto de Defesa e Proteção à Criança ao Adolescente); CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente); O.A. F (Organização de Auxílio Fraternal). Até que ponto esses programas sociais têm contribuído para erradicação do menor abandonado?

A problemática do menor infrator não dever ser apenas uma questão social, é também humana, que nos remete a uma reflexão mais profunda, que serve de base a aspirações do homem na construção de um mundo melhor.

A referida obra serve como “*corpus* discursivo” para investigar o problema do menor abandonado nas ruas da cidade de Salvador, fazendo uma análise crítica da condição dessas crianças dentro daquele contexto social. Para desenvolver o trabalho, usou-se a pesquisa bibliográfica, ou seja, leitura e análise de alguns teóricos ligados a problemática do menor abandonado e ao Movimento Modernista (AMADO, Jorge; LONDONO, Fernando Torres; CERQUEIRA, Nelson; DUARTE, Eduardo de Assis, BOSI, Alfredo; COUTINHO, Afrânio).

Dividido em três seções, o artigo apresenta uma discussão sobre o Modernismo, esclarece que a narrativa, de cunho realista, descreve o cotidiano do grupo e seus

expedientes para arranjar alimento e dinheiro e destaca também o papel das ONGs que buscam alternativas para tentar incluir crianças e adolescentes numa sociedade justa.

Por fim, enfatiza-se a importância da obra dentro do Modernismo, traçando um paralelo com a realidade, pois salienta-se que temas considerados “antigos” persistem e convivem na sociedade contemporânea.

1. Algumas considerações sobre: contexto histórico-social

O Modernismo é uma corrente artística que rompe com padrões rígidos e caminha para uma criação mais livre, surgida internacionalmente nas artes plásticas e na literatura a partir do final do século XX início do século XXI. É uma reação às escolas artísticas do passado. De acordo com Afrânio Coutinho, na *Literatura Brasileira Modernista*,

vamos encontrar a valorização de diversas categorias que a colocam em antítese às épocas “antigas”. Em vez da universalidade e do absoluto, o que lhe importa é o particular, o local, a circunstância, o pessoal, o objetivo, o relativo, o detalhe, a multiplicidade; em lugar da permanência, é a mudança, a diversidade, a variedade; ao absoluto, prefere o relativo, à Verdade, muitas verdades; às normas absolutas, o relativismo e a diversidade de experiência artística e dos casos individuais; à estabilidade, o movimento; à Natureza, a natureza humana; (...) à descrição e revelação do mundo exterior, o sentimento da existência subjetiva; fugindo à tradição da nobreza, dignidade e decoro, incorporou os assuntos baixos e sujos, a realidade cotidiana, o terra-a-terra, o circunstancial e o particular. (COUTINHO, 1988, P. 244)

A historiografia literária brasileira costuma dividir o Modernismo em três fases. O marco cronológico da primeira fase, também conhecida como “heróica”, é o ano de 1922, quando se realizou a semana da Arte Moderna em São Paulo, dando início a um novo período.

A necessidade de consolidar a nova estética, de definir seus rumos, rompendo com os padrões literários do passado conferiram ao Modernismo da primeira fase um grau elevado de radicalismo.

Os modernistas passaram por cima das distinções entre gêneros, injetando poesia insólita nas narrativas em prosa, abandonando as formas poéticas regulares, misturando documento e fantasia, lógica e absurdo, recorrendo ao primitivo do folclore e ao português deformado dos imigrantes chegando a usar como exemplo, contra a linguagem oficial, certas ordenações sintáticas tomadas a línguas indígenas. (CÂNDIDO, 1968, P.35)

O referido movimento literário vive sua segunda fase a partir de 1930. Os temas sociais ganham destaque, e o Regionalismo amplia sua temática. Paisagens e personagens típicas são usados para abordar assuntos de interesse universal. De acordo com Alfredo Bosi (1976, P.230), “os romances são caracterizados pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade brasileira, atingindo elevado grau de tensão nas relações do eu com o mundo”. Uma das principais marcas do romance é o encontro do escritor com seu povo. Há uma busca da identidade do homem nas diversas regiões. Por

isso, o Regionalismo ganha importância com destaque às relações do personagem com o meio natural e social. Nesse sentido, a obra de Jorge Amado de cunho Realista buscou documentar entraves que limitavam o direito do ser humano, visto que essas mazelas são presentes até hoje na sociedade brasileira.

O tema da infância abandonada e delinquente, escandaloso para a época, lembra o protesto social do romance naturalista em suas emancipações proletárias. Por outro lado o conflito que move o romance é basicamente folhentesco: pobres contra ricos, fracos contra fortes, pequenos marginais contra a sociedade opressora. (DUARTE, 1996, P.114)

É sabido que alguns de seus livros foram traduzidos em vários idiomas e adaptados para televisão, cinema e teatro.

Filho de João Amado de Faria e de Eulália Leal, Jorge Amado de Faria nasceu no dia 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricédia em Ferradas, distrito de Itabuna-Ba. O casal teve três filhos: Jofre (1915), Joelson (1920) e Jaines (1922).

O autor ligou-se a academia dos rebeldes, grupo de jovens escritores contrário ao Modernismo. Apesar de fazer parte da segunda geração modernista, Amado segue o estilo literário moderno. Em seus livros existe o domínio do físico sobre a consciência. Seus personagens geralmente são plantadores de cacau, pescador, artesão, prostituta, malandro e gente que vive próximo ao cais, em Salvador, capital da Bahia. O estilo deste autor também é conhecido como romance da terra e seus livros possuem uma linguagem agradável e de fácil compreensão.

A obra Amadiana de caráter Regionalista (trata sempre de assuntos nordestinos, especialmente a Bahia) é dividida em três fases: ciclo do cacau, que retrata a problemática das fazendas cacauzeiras (Cacau, Suor, São Jorge dos Ilhéus, Terra dos Sem fim); romances líricos – com fundo de questões sociais, (Jubiabá, Mar morto-Capitães da Areia); romance de costumes provincianos geralmente sentimentais e exóticos (Gabriela Cravo e Canela, Dona Flor e seus dois Maridos). Suas obras mais recentes foram: “A Descoberta da América pelas Terras”, 1994 e o livro Conto “O Milagre dos Pássaros” de 1997.

A terceira fase do Modernismo tem início em 1945. Os poetas retomam alguns aspectos do Parnasianismo e apresentam como traço comum a busca de um maior rigor na elaboração poética. A poesia aprofunda a depuração formal, regressando a certas disciplinas quebradas pela revolta de 22, restaurando a dignidade e severidade da linguagem dos temas, policiando a emoção por um esforço de subjetivismo e intelectualismo e restabelecendo alguns gêneros fixos como o soneto e a ode. Os recursos utilizados: poemas-piadas, o prosaísmo e a aparente falta de construção haviam sido utilizados pela primeira geração modernista para combater o rigor formal parnasiano.

2. Análise do *corpus* discursivo

O livro retrata a vida de menores abandonados, os Capitães da Areia, nome pelo qual, na cidade de Salvador, dos anos 30 a 50, ficaram conhecidos os “meninos de rua”. A obra se inicia com algumas reportagens sobre o problema das crianças de ruas tidas como “delinquentes”. Após a primeira reportagem, o jornal passa a publicar várias cartas enviadas à redação; cartas que transformam o assunto em debate e mostram a sociedade desigual, opondo ricos e pobres, opressores e oprimidos, consentidos e rejeitados.

O painel introdutório costurado com ironia retrata desprezo e a insensibilidade com a miséria sem vez e sem voz. Daí parte Jorge Amado para contar a História dos Capitães da Areia, nome de um grupo de meninos de rua de Salvador. Os meninos viviam em um casarão, o “Trapiche”, onde no passado recebia veleiros carregados. No presente da narrativa, é apenas uma construção abandonada, destruída, infestada de ratos, frequentada por malandros e mendigos, quando os Capitães da Areia vem tomar posse dele. Logo, as crianças eram condenadas a viver num espaço semi-destruído, que servia de pousada para ratos e cães abandonados, no qual apenas passavam a noite. Durante o dia, se ocupavam em tentar arranjar o que comer e vestir, tendo muitas vezes que roubar para conseguir sobreviver.

Entre o planejamento de furto, a realização do plano, uma briga com outros meninos, uma aula de capoeira com Querido de Deus, uma visita de Don’ Aninha – mãe de Santo- ou de Padre José Pedro, Jorge Amado vai apresentando as personagens. Pedro Bala, o menino que conquista pela coragem a chefia do grupo; professor, o único que sabia ler e contar histórias de jornais e livros para o grupo; Pirulito, que rezava todas as noites e tinha em seu canto um altar com várias imagens de Santos; Sem- pernas, que odiava como todos o tratavam; Volta Seca, que sonhava sempre em ir para o bando de Lampião; Gato, Boa-vida; todos se sentiam irmãos.

Mas é a vida de Pedro Bala que vai, ao longo do romance, ganhando destaque e, mais uma vez, se repete a idéia de que as condições sociais empurram esses meninos para as ruas e assaltos:

Eles roubavam e furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e policias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se fazia tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem aquilo morreriam de fome por que eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir o outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. (AMADO, 1998, P. 100)

O trecho foi extraído de um episódio em que Pirulito refletia sobre a vida que os capitães da Areia levavam, sobre como aquela vida não era uma opção, mas sim uma posição da sociedade e, sobretudo, uma questão de sobrevivência. Observa-se na obra que a bondade, a ingenuidade, a inocência infantil representavam o contraponto que Jorge Amado construiu para denunciar a situação daquelas crianças, retomando a sua própria humanidade.

A única coisa que restava aos meninos era a liberdade que possuíam vivendo nas ruas, e esse sentimento é sempre valorizado. Por isso, quase no final do romance, todos se sentem muito ameaçados por terem sido presos durante a prática de furtos.

Na Segunda parte do romance, “Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus Olhos”, surge uma história de amor quando a menina Dora torna-se a primeira “Capitã da Areia”, e mesmo que inicialmente os garotos tentem tomá-la à força, ela se torna como uma mãe e irmã, lavando, cozinhando, costurando e cuidando de todos.

A camisa estava rasgada de cima a baixo. Dora mandou que ele sentasse, começou a cozer no corpo dele mesmo. Quando os dedos dela tocaram pela 1ª vez no corpo de Gato, ele sentiu um arrepio. Como quando Dalva passava as unhas crescidas e tratadas, arranhando suas costas. (AMADO, 1988, P. 169)

Ela saiu do seu canto, arrancou um pedaço da fralda começou a ver a ferida do professor. Depois marchou para onde estava Boa Vida (que se encolheu todo), molhou a ferida do malandro botou um pano em cima. Todo temor, todo cansaço tinham desaparecido. Porque confiava em Pedro Bala. Depois perguntou a Volta Seca: - Também ta ferido? (AMADO, 1988 P. 167)

Vale salientar que somente por pouco tempo Dora se contentou com seus trabalhos domésticos. Não foi, no entanto, por pensar que poderia se relacionar de igual para igual com meninos que se propôs a participar dos furtos praticados pelo grupo. Foi por acreditar que deveria ajudá-los, pois lhes davam comida e proteção.

Andava com eles pelas ruas, igual um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras, a pugar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil, como o mais ágil. Andava sempre com Pedro Bala, João Grande e Professor. João Grande não a largava, era como uma sombra de Dora, e se babava de satisfação quando ela o chamava com sua voz amiga de meu irmão. O negro a seguir como um cachorrinho e se dedicava totalmente a ela. Vivia num assombro das qualidades de Dora. Quase a achava tão valente quanto Pedro Bala. Dizia o Professor num espanto: - É valente como um homem. (AMADO, 1988, P. 178 a 179)

Diante do exposto, percebe-se que a figura feminina realizava as mesmas atividades que os homens (Valente como um homem). Dividida em um mundo masculino e outro feminino, os romances de Jorge Amado mostravam que algumas mulheres transgrediam essa divisão – entrando para o mundo tipicamente masculino.

A terceira parte do livro “Canção da Bahia, Canção da Liberdade” vai nos mostrar a desintegração dos líderes. Sem-pernas se mata antes de ser capturado pela polícia; Professor parte para o Rio de Janeiro tornando-se um pintor de sucesso; Gato se torna um malandro de verdade, abandonando eventualmente sua amante Dalva, e passando por Ilhéus; Pirulito se torna frade; Padre José Pedro finalmente consegue uma Paróquia no interior e vai ajudar os desgarrados do rebanho do sertão; Volta Seca se torna um cangaceiro do grupo de Lampião e mata mais de 60 soldados antes de ser capturado e condenado; João Grande torna-se marinheiro; Querido-de-Deus continua sua vida de capoeirista e malandro; Pedro Bala, cada vez mais fascinado com as histórias de seu pai sindicalista, vai se envolvendo com os doqueiros e finalmente os Capitães da Areia ajudam numa greve.

Mas hoje não são os capitães da Areia que estão metidos numa bela aventura. São os condutores de bonde, negros fortes, mulatas risonhas, espanhóis e portugueses que vieram de terras distantes. São eles, que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade. É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. A canção daqueles presos dizia que a liberdade é como o sol: o bem maior do mundo. Sabe que os grevistas lutam pela liberdade, por um pouco

mais de pão, e por um pouco mais de liberdade. É como uma festa aquela luta. (AMADO, 1988, P.246)

Os organizadores da festa foram procurar os Capitães da Areia para que eles os ajudassem a barrar os trabalhadores que vinham de cidade vizinha para assumir os lugares dos grevistas. Os Capitães da Areia cumprem a tarefa, e os trabalhadores de outra cidade vão embora. Pedro Bala, após se tornar homem adulto e operário, “Possuindo uma vocação natural para as greves, passa a comandar brigadas de choque formadas pelos Capitães da Areia, e assim ele é aceito numa organização política ilegal passando a viajar pelo país organizando outras greves” (CERQUEIRA, 1942, P.19).

Observa-se que os personagens foram registrados na obra com nomes populares: José, João, Dora, Pedro, Dalva, o que certifica a origem e condição humilde de cada um deles. Mas os nomes que mais se destacam pela simbologia são: Pedro e Dora. Pedro tem relação com pedra e representa a fortaleza, visto como caráter consistente de herói. Dora, por sua vez, lembra “dourado”, “ouro” e assemelha-se metodicamente com seus cabelos loiros. Ela teve um papel significativo na construção da identidade dos meninos do trapiche, despertando em cada um sentimentos e afetos que eram reprimidos. Pedro Bala, por exemplo, foi contagiado pelo carisma e luminosidade de Dora. Visto que Dora representava a figura de mãe, noiva, esposa para os Capitães da Areia.

Este livro foi escrito na primeira fase da carreira de Jorge Amado, e notam-se grandes preocupações sociais. As autoridades e o clero são sempre retratados como opressores (Padre José Pedro é uma exceção). Os capitães da areia são tachados como heróis no estilo Robin Hood. No geral, as preocupações sociais dominam, mas os problemas existenciais dos garotos os transformam em personagens únicos e corajosos.

3. Reflexões sobre as organizações não-governamentais

A circulação de menores pelas ruas da Bahia no século XIX estava relacionada à sua dramática situação social. “Eram os menores de rua daqueles dias, na época conhecidos como “meninos vadios” ou “moleques vadios”. O termo “vadio” já comportava uma condenação moral, advinha do fato de estarem fora do domínio familiar e produtivo. A criança abandonada atentava contra a ordem familiar ao trocar o ambiente doméstico pelo mundo das ruas. Era inevitável que não fossem vistos como ameaça à ordem social.

A questão dos menores abandonados no século XIX estava intimamente vinculada ao caráter desigual e excludente da sociedade baiana. De acordo com Londono (1996, P.135), “em meados do século XX, os jornais, discursos e conferências acadêmicas definiu uma imagem do “menor”, que o caracterizava, principalmente, como criança pobre totalmente desprotegida moralmente e materialmente por seus pais, seus tutores, pelo estado e pela sociedade”. Desigualdades sociais profundas dividiam os baianos entre senhores x escravos, ricos x pobres, brancos x negros. Segundo alguns historiadores, 90% da população baiana viviam no limiar da pobreza; a escravidão, até a década de 1830 atingia mais de 30% da população. A grande maioria dos pobres ou já havia vivido a experiência da escravidão ou descendia de pessoas com raízes na África. Embora alguns poucos libertos conseguissem a duras penas tornar-se proprietários, o contingente de pobres da cidade estava sempre sendo abastecido por grande número de ex-escravos.

Desde o século XVIII, a misericórdia enfrentou a insuficiência de recursos e o volume sempre crescente de abandonados. Eram bastante precárias as condições de alojamento das crianças, até 1844, recolhidas num grande salão onde dividiam espaço

com os doentes do hospital. Naquele ano, apesar de ter sido construído um anexo, a falta de ventilação, a superlotação e a umidade tornaram insuportáveis as condições. Somente em 1862, o recolhimento de expostos foi transferido para um imóvel próprio.

A taxa de mortalidade das crianças sempre se manteve em níveis drásticos. Dois terços morriam ainda em tenra idade. Segundo Johildo Lopes de Athayde, o movimento de mortalidade entre 1805 a 1854 mostrou que, em média, 65% dos excluídos morriam na misericórdia. Sabendo-se que grande parte desta terrível realidade residia na precariedade com que eram tratados os meninos de rua.

Em “Capitães da Areia”, Jorge Amado também retrata a condição de miséria e os maus tratos que as crianças recebiam no reformatório.

(...) O bedel lhe entrega um prato de barro com água onde bóiam alguns carochos de feijão. Pedro Bala pede:

- Pode me dar mais um pouco de água?

- Amanhã... Ri o bedel

- Só um pouco mais.

(...) Bebe a água escura do feijão. – Nem repara que é salgadíssima. Depois come os grãos ditos. Mas a sede ataca novamente. (AMADO, 1988, P. 197)

Nos fragmentos acima, fica evidente as condições desumanas que as crianças enfrentam no reformatório. Além dos maus tratos e castigos severos, a alimentação era de baixo valor calórico, insuficiente para uma criança em fase de desenvolvimento. Hoje, no Brasil, especificamente na Capital Baiana, são criados inúmeros projetos por ONGs com o objetivo de acolher crianças em situação de risco social.

A sigla ONG corresponde a organização não-governamental. Em âmbito mundial, a expressão surgiu pela primeira vez na Organização das Nações Unidas (ONU), após a Segunda Guerra Mundial, para designar organizações supranacionais e internacionais que não foram estabelecidas por acordo governamental.

Do ponto de vista formal, uma ONG é constituída pela vontade autônoma de qualquer cidadão, que se reúne com a finalidade de promover objetivos comuns (de forma não lucrativa). A legislação prevê apenas três formatos institucionais para a constituição de uma organização dessa natureza, com tais características: associação, fundação e organização não religiosa. Por não ter objetivos confessionais, juridicamente, toda ONG é uma associação civil ou uma fundação privada.

Dentre as ONGs da cidade de Salvador, pode-se destacar: Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente, Centro de Defesa da Criança e Adolescente da Bahia (CEDECA-BA) e Organização de Auxílio Fraternal (O.A. F). Estes projetos contribuem para a elaboração teórica e prática de propostas de atendimento à população marcada por situação existencial de extrema pobreza. Esta ação privilegia o segmento mais vulnerável desse universo social: a infância e a juventude destituídas de seus direitos, notadamente as crianças e jovens fora da família, da comunidade, da escola e já em situação de rua.

Essas organizações possuem em suas atividades princípios norteadores:

- O desenvolvimento bio, psico, social e espiritual dos educandos, através de um processo de educação integral;
- Educação para e pelo trabalho, com uma prática pedagógica que vise ao desenvolvimento e à conscientização para o exercício pleno da cidadania;
- Respeito e solidariedade pela pessoa humana.

4. Conclusão

Uma das mais significativas obras do Modernismo Brasileiro, “Capitães da Areia” tem como fundamento o quadro regional, mostrando, na paisagem da Bahia, o drama da infância abandonada, bem como os conflitos e injustiças sociais ligados aos desequilíbrios econômicos. Os menores discriminados, em meio às pessoas tidas como “normais”, de bem, rebelam-se contra essas “pessoas respeitáveis” por decepção.

A história desta obra relata, na verdade, a vida de muitas crianças de nossa atualidade. O assunto e as questões sociais que o livro explora na capital da Bahia são os mesmos de muitas cidades brasileiras. Ainda hoje, o romance comove e nos faz pensar nas crianças abandonadas, órfãs de pai, mãe (ainda que vivos). Entregues às ruas, se sujeitam ao crime, ao roubo, para sobreviver. Detidos, são submetidos à tortura, ao castigo, à humilhação. O romance antecipa de modo incisivo a vida das crianças que esmolam nas ruas das cidades brasileiras.

Hoje, a violência urbana tem uma estreita relação com o tráfico de drogas, enquanto os meninos desta obra roubam para sobreviver. Mas, até certo ponto, as raízes do problema são os mesmos: a ausência da família e da escola, agravada pela vida degradante nas favelas e cortiços de tantas cidades.

“Capitães da Areia” é um poema em prosa recheado de poesia e temperado com ação, aventura, comédia e drama, escrito em 1937 pouco depois da implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas. Amado experimentou muitas dificuldades com o cenário político brasileiro por causa do seu posicionamento junto aos partidos de esquerda. Apesar de o livro estar distante dos chamados “romances proletários”, foi incinerado em um ato exemplar do poder totalitário vigente.

A questão do menor abandonado não pode ser vista de forma isolada. Não se pode tratar o problema do menor que vive nas ruas por si só, mas em um contexto que envolve a evolução do sistema desde sua origem. O menor existe porque existe o subemprego, o desemprego, o estigma, a falta de produção, o desinvestimento, a inflação, alta taxa de juros, enfim, a patologia socioeconômica. E, qual a terapia? No mundo atual é difícil, mas não é impossível. Primeiro tem-se que propor alternativas para minimizar o preconceito de uma sociedade desconscientizada de seus direitos e obrigações. Segundo, conscientizar as classes de como viver bem, sem segregação. Finalmente, dinamizar a estrutura econômica para que todos participem efetivamente da atividade econômica nacional.

Referências

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 92ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro (1968), vols. 2 e 3.
- CERQUEIRA, Nelson. **A política do Partido Comunista e a Questão do Realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: O Modernismo**. 6ªed. São Paulo: Global, 1988.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LONDOÑO, Fernando Torres. A **Origem do Conceito Menor**. In: PRIORE, Mary del. (Org.) História da criança no Brasil. 4ª ed., São Paulo: Contexto, 1996.